

A FINITUDE HUMANA: Morte e existência sob um olhar fenomenológico-existencial

Adriana Siman¹

Carina Siemieniaco Rauch²

RESUMO

A consciência sobre a própria finitude sempre gerou no homem angústias e reflexões. Este tema, tão comumente escamoteado durante a existência, permanece sorrateiro em nosso dia a dia, contudo, refletindo sobremaneira em nossas atitudes e pensamentos. Ele permeia nossa existência desde o momento em que nos deparamos com a realidade daquilo que é inevitável. A partir destas inquietações, este artigo busca identificar alguns aspectos da existência e da morte, a partir de uma leitura fenomenológico-existencial. Com base em estudos das propostas teóricas de Heidegger, Angerami-Camon, Sartre, Tuy, Yalom, dentre outros estudiosos do tema, buscou-se traçar uma linha histórica, passando pelas diversas interpretações e significados atribuídos à morte ao longo dos tempos, provocar questionamentos e revelar sentidos atribuídos subjetivamente à vida e à morte. As várias facetas desveladas sobre o tema apontam para as particularidades com que estas questões se apresentam para cada sujeito, a partir de sua construção histórica, suas crenças e suas possibilidades.

Palavras chave: Morte; existência; sentidos, perspectiva fenomenológico-existencial.

ABSTRACT

The conscience about finitude itself has always generated in men anguish and reflections. This subject, so commonly concealed during existence, remains sneaky in our day-to-day life, however, reflecting heavily on our attitudes and thoughts. It permeates our existence from the moment we come across the reality of what is inevitable. From these concerns, this article seeks to identify some aspects of existence and death, from a phenomenological-existential reading. Based on studies of the theoretical proposals of Heidegger, Angerami-Camon, Sartre, Yalom, among other theorists, we sought to draw a historical line, going through the different interpretations and meanings attributed to death throughout the ages. Underpinned by the theoretical frameworks raised, the aim was to provoke questions and reveal the subjective meanings attributed to life and death. The various facets revealed on the subject point to the particularities with which these questions arise for each subject, based on their historical construction, their beliefs and their possibilities.

Keywords: death; existence; senses, phenomenological-existential perspective.

¹ Graduada em Psicologia pela Faculdade Santana. Pós-Graduada em Psicologia Humanista, pelo Instituto Döll, Faculdade Santana. Possui graduação em Educação Física pela Universidade Estadual de Ponta Grossa e Especialização em Pedagogia da Educação Física/Espportes (UEPG) e Gestão e Administração Escolar (IESDE). E-mail para contato: adriana.siman@yahoo.com

² Graduada em Psicologia. E-mail para contato: ca.s.sie@hotmail.com

1 Considerações iniciais

“Finalmente, somos vivos, mas, também, mortais. Vivemos e morremos, de certo modo, simultaneamente, pois, a cada dia que passa, nossa existência tanto vai se ampliando quanto vai se tornando mais curta. No decorrer de nosso existir caminhamos, a cada dia, para viver mais plenamente, assim como para morrer mais proximamente”.

(Yolanda Cintrão Forghieri)

Sabe-se que a existência desperta inquietações nos homens, que buscam compreender seus motivos, tentando incessantemente atribuir-lhe um sentido. Diante disso, é possível perceber que o paradoxo da existência, a morte, causa sentimentos contrários, como o medo e a insegurança, pois é algo desconhecido que está relacionado à não-existência (TUY, 2009).

Segundo Schopenhauer (1986), o ser humano, diferentemente do animal, tem consciência da morte, e isso o faz refletir sobre a sua existência, pensando em seu passado e futuro, passando por um sofrimento que vai além do seu momento presente. Por este motivo, também, é que surgem a filosofia e a religião, numa infatigável busca pelo sentido da vida.

O paradigma vida e morte atormenta o homem, sendo gerador de angústias e reflexões, estudos e também negações. Para Yalom (2008, p.19), a vida e a morte estão emparelhadas, “a morte [...] nos chama o tempo todo; está sempre conosco, arranhando uma porta íntima, sussurrando suavemente, quase inaudível, sob a superfície da consciência”. O homem está em constante contato com esta possibilidade e, apesar do ser humano ter conhecimento de que a morte ronda a sua existência, não se tem controle do tempo, do como e quando este encontro inevitável acontecerá. Carmona, Santos e Fonseca (2011, p.199) corroboram com essa assertiva ao afirmar que “saber que nos depararemos em algum momento com a morte causa temor e angústia devido ao mistério envolto nessa experiência, de um desconhecido, incognoscível que está por vir”.

Este inevitável e derradeiro encontro assume diferentes nuances, de acordo com a perspectiva particular de cada sujeito, dependendo de sua construção histórica e social. De acordo com Forghieri (2012, p. 42), “A morte faz parte de nossa vida, apenas no modo como nos relacionamos com as ideias de ser ela o nosso

derradeiro fim, e é apenas incluindo-a em nossas reflexões que teremos condições de encontrar o verdadeiro sentido de nossa existência”. Concordando com esta ideia, Souza (2010) afirma que o modo particular que cada um acredita que será a sua morte, bem como sua pós morte, estabelece de forma direta ou indireta a maneira como vivencia sua existência.

Tuy (2009) explica que, seguindo as ideias de Sartre, pode-se dizer que essa consciência da morte faz com que cada indivíduo busque suas vivências, faça suas escolhas e se permita viver intensamente, de acordo com o que almeja. O reconhecimento de sua finitude faz com que crie propósitos para o seu existir, pois a morte é uma experiência sobre a qual os vivos não têm informações concretas. Cada pessoa tem sua crença diante deste assunto, mas somente quem morre é que a experiencia, e ninguém pode passar pelo processo de morrer no lugar de um outro alguém.

A esse respeito, Heidegger (2012, p. 313) alega que

A morte se desvela como perda e, mais do que isso, como aquela perda experimentada pelos que ficam. Ao sofrer a perda, não se tem acesso à perda ontológica como tal, “sofrida” por quem morre. Em sentido genuíno, não fazemos a experiência da morte dos outros. No máximo, estamos apenas “junto”.

Entretanto, não é possível falar da morte isoladamente. A morte está intimamente relacionada à vida, pois sabe-se que, sem a vida, não haveria a morte. E, a partir deste pressuposto, é necessário considerar que a vida está atrelada à existência, e a existência está relacionada a alegrias e sofrimentos.

Portanto, para abordar o tema da morte na perspectiva fenomenológico-existencial, é preciso, primeiramente, abordar o que é a existência, para então buscar compreender o sentido da morte, pois estas duas vertentes estão paradoxalmente interligadas.

Com o intento de fundamentar os estudos, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, a fim de explorar alguns aspectos culturais e existenciais sobre a morte e a existência. A fenomenologia e o existencialismo foram utilizados como referenciais nas digressões para nossas análises. Foram consultados autores existencialistas e estudiosos tais como, Heidegger, Sartre, Yalon, Tuy e Angerami-Camon, entre outros,

Sendo assim, o presente trabalho propõe-se a refletir sobre a vida e a morte, com base nas perspectivas fenomenológico-existenciais, tomando como ponto de partida a discussão sobre a existência como fenômeno fundamental para pensar questões que envolvem a vida e a morte.

2 A existência na perspectiva fenomenológico-existencial

Para os fenomenólogos, a existência do homem se baseia nas experiências de vida, e a descrevem como uma condição de ser-no-mundo. Acreditam que a identidade do ser humano é construída a partir de sua vivência, e isso é que o faz um ser-no-mundo; e é preciso do mundo para se saber onde se está, e principalmente, quem se é (ANGERAMI-CAMON, 1985). A respeito dessa relação com o mundo, Forghieri (2012, p. 28) cita que “O mundo não é apenas um conjunto de objetos ou pessoas, existindo por si mesmos, pois cada um deles se torna um determinado objeto ou pessoa em virtude de ter um significado para quem o percebe”.

Para entendermos o pensamento existencial, é importante apontar a discussão filosófica em torno dos conceitos de existência e essência. De modo geral, os autores do pensamento existencialista reservam o termo existência apenas para se referirem ao homem. Com o intuito de explicar este termo, optou-se por manter o sentido etimológico da palavra, separando-a com um hífen: *ek-sistere*, que é definido como “vindo para fora”, “sendo para fora”. Isso implica uma ideia de movimento, de provisoriedade, ou seja, de um vir-a-ser.

Heidegger (2012) concebe a existência como um modo próprio de ser do homem, diferente dos ser das coisas e dos animais. Então, só o homem existe. As pedras são, mas não existem. As árvores são, mas não existem. Os animais são, mas não existem. Destacando os dois maiores expoentes do Existencialismo – Heidegger e Sartre – ambos pontuam a disparidade radical entre o humano e o não humano.

Para os existencialistas, a discussão da existência sobrepõe-se à da essência, tão presente em outras correntes filosóficas e psicológicas. Freitas (2005)

explicita o conceito de existência baseado no pensamento sartreano, que assevera que nada existe antes do ser humano, não havendo uma finalidade prévia para justificar sua natureza ou destino. Desta forma, o ser humano tão somente existe, e sua essência será definida a partir daquilo que ele fizer ou quiser de si mesmo, sendo livre para se criar e criar o mundo em que vive.

Dizer que a existência precede a essência significa afirmar que o homem, a princípio, existe, descobre-se e desponta no mundo e, somente depois, define-se (SARTRE, 2007). Essa proposição do Existencialismo antagoniza-se das demais correntes deterministas de compreensão do ser humano, legadas ao homem pelas ciências contemporâneas.

A essência do homem jamais precede sua existência, ou seja, é existindo que o homem descobre a sua essência, que está em construção durante toda a sua vida. Pode-se dizer que a essência de uma determinada pessoa só poderá ser conhecida no dia de sua morte.

Sobre as possibilidades do homem em sua existência, Angerami-Camon (1984, p. 20) aponta que

[...] a existência do Homem precisa ser compreendida de forma ampla e total. Não podemos confinar a compreensão do homem aos seus limites corpóreos. Ele existe numa dimensão irreal, fazendo da sua vida algo que transcende tudo que possa cercear essa possibilidade de realização. [...] Ele determina seu próprio projeto de vida, idealizando alternativas existenciais que não podem ser comparadas a nenhuma outra forma de existência que não a humana.

Essa citação indica a condição de ser-no-mundo como a existência plena de realização que a condição humana possibilita. A essência humana construída a partir das possibilidades que o poder de transcender permite ao homem.

Pompéia e Sapienza (2013) definem a vida (existência), como uma contingência, não se configurando como um direito do homem, pois pode ser consumida quando menos se espera. Da mesma forma, também não é um dever, pois não é destinada ao homem como uma condição de necessidade. O existir é renovado a cada momento, pois ninguém tem a certeza de quanto tempo irá durar a própria existência (POMPÉIA e SAPIENZA, 2013).

Contraopondo os anseios de algumas correntes de pensamento, os existencialistas criticam o modo de vida do homem comum e as orientações tradicionais, que consideram o ideal de vida atingir a tranquilidade e a felicidade, sem sofrimentos (ANGERAMI-CAMON, 1985). Os estudiosos acreditam que não há possibilidade de existir uma vida sem sofrimentos, pois “agruras existenciais-angústia, solidão, tédio, etc.- fazem parte de modo inerente e indissolúvel da existência humana” (ANGERAMI-CAMON, 1985, p.11). Ou seja, os sofrimentos não podem ser considerados separadamente das realizações humanas. Na verdade, eles auxiliam na compreensão da existência (TUY, 2009).

Mesmo que os existencialistas considerem importante ressaltar que não há separação entre o sofrimento e a existência, não significa que eles exploram tão somente o lado trágico da vida. O estudo e a compreensão dessas temáticas permitem que a realidade humana seja melhor compreendida, bem como permite a compreensão da responsabilidade do ser humano frente a construção de seus ideais de vida (ANGERAMI-CAMON, 1985).

Desta forma, atentar para as angústias e sofrimentos humanos, incluindo as questões da morte e do morrer, são primordiais para os existencialistas. Sendo a morte uma certeza inerente a todo ser humano e a consciência desta, uma condição do homem, é imprescindível que estudos sejam realizados no tocante ao assunto, desmitificando e quebrando os tabus construídos ao seu entorno.

3 Um breve histórico sobre a morte

Tema de discussão em várias áreas do saber, a morte sempre despertou fascínio e temor, influenciando diretamente a maneira de viver dos homens. Porém, significados diversos foram atribuídos a ela em cada momento histórico específico, permeados pelo contexto, pelas crenças e pela cultura vigentes.

Segundo Yalom (2008), diferentes povos, que viveram em épocas distintas, desenvolveram maneiras próprias de encarar e cultuar a morte, os mortos e até mesmo a vida após a morte. Algumas dessas crenças e maneiras culturais de

enfrentar a morte, ainda perduram, com algumas ressalvas, tendo em vista as descobertas científicas sobre a morte e o morrer, que surgiram ao longo do tempo.

Na tentativa de amenizar a inquietação do homem a respeito das questões da morte, desde os tempos mais remotos, as ciências se ocuparam deste tema, buscando significações e respostas. Yalom (2006, p. 120) enfatiza o medo que permeia a convivência do homem com a sombra da morte, quando alega que

O medo da morte sempre se infiltra por baixo da superfície. Ele nos assombra durante toda a vida e nós erguemos defesas – muitas delas baseadas na negação – para nos ajudar a lidar com a consciência da morte. Mas não podemos mantê-la fora da mente. Ela se difunde pelas nossas fantasias e sonhos. Ela explode sem freios em cada pesadelo.

Essa visitante permanente da existência humana não pode ser negligenciada, pois é parte da história de toda pessoa, e é sua última possibilidade de ser.

A partir do momento em que o ser humano toma consciência de sua existência no mundo, começa também a se preocupar com a morte, e é por isso que foram elaborados rituais, mitos e estudos filosóficos e religiosos relacionados a esse assunto (POMPÉIA e SAPIENZA, 2013).

Segundo Chiattonne (2001, p. 73-74), durante o século XIV, o tormento e a angústia relacionados ao medo da morte tomaram conta da sociedade, devido à epidemia da peste negra, “que determinou graves perturbações econômicas, sociais e psicológicas”. Nessa época, a medicina não era eficiente, e as crenças religiosas pouco ajudavam contra a doença. Sendo assim, crianças, jovens e adultos sabiam que a morte era inevitável, prematura e “fonte de terror e castigo”. Desta forma, pode-se perceber que, nos tempos mais antigos, pouco havia a fazer tentando evitar a morte. Na verdade, era uma certeza que todos tinham, mas que ao mesmo tempo, era algo que ninguém almejava.

Entre os séculos XV e XVIII, a morte era tratada de forma peculiarmente diferente, principalmente no que diz respeito a morte de uma criança, pois esta era considerada sem personalidade, e por isso não tinha valor social. Geralmente, quando uma criança perdia sua vida, nem mesmo tinha um nome, e se o tinha, este seria repassado a outra criança (CHIATTONE, 2001). As pessoas conviviam com a morte de maneira mais natural, sem que fosse considerada um tabu, porém, não

sem dor. Falavam e vivenciavam a morte em suas próprias casas e os cemitérios ocupavam a região central das cidades (MORIN, 1970 apud SILVA, 2007).

Ao se relacionar com a morte, o homem via a necessidade de dar atenção a esse acontecimento contrário à vida, criando, a partir de suas crenças e vivências, rituais de passagem, procurando fazer com que a morte fosse percebida de maneira distinta, sem ser encarada de forma fria. Por isso é que encontramos em diversas sociedades, diferentes rituais frente à morte (funerais, festas fúnebres, missas de corpo presente, etc.) (GIACOIA JÚNIOR, 2014).

Algumas mudanças em relação à morte, mais especificamente relacionada às crianças, começam a acontecer a partir da segunda metade do século XIX. Neste período, as mulheres e os clérigos começam a se preocupar com esta questão, imaginando estas crianças já falecidas, vivas em um além, onde aguardam para se reunir novamente à família. Nesta época, as mães idealizavam seus filhos, acreditando que se tornaram anjos ou santos (CHIATTONE, 2001). Percebe-se que a morte passa a ser compreendida de forma diferente, e começa a se valorizar mais o ente falecido, respeitando-o quanto ao seu propósito em vida, e apreciando-o mesmo diante de sua morte.

Yalom (2008) comenta que, na cultura europeia e ocidental, a morte era muito presente no cotidiano. As pessoas faziam visitas frequentes aos túmulos. Havia a crença cristã que prometia uma vida eterna após a morte e o clero tinha as chaves oficiais para a entrada e saída da vida. Essas ideias levaram as pessoas a se apegarem às crenças religiosas, numa tentativa de imortalizar, de alguma forma, sua existência.

Na antiguidade, o ser humano convivia com a morte sem tantos temores e tinha plena consciência deste evento natural, mesmo não sabendo quando esta aconteceria. Porém, nos tempos atuais, a morte faz parte de um silêncio, onde tenta se afastar do cotidiano a ideia de que ela está presente, de que é fato, e poderá acontecer a qualquer momento. É como se, diante deste silêncio, ela pudesse ser negada, esquecida, pois é algo que amedronta o homem e determina o fim de sua existência (CHIATTONE, 2001).

Chiattonne (2001) ao comentar sobre a morte na atualidade, diz que esta não é determinante só no que diz respeito à finitude da vida corporal do indivíduo, mas também está relacionada ao fim do ser social, que está inserido no eu físico. Assim, ter consciência da própria morte, faz com que o indivíduo tenha experiências de vida que estejam relacionadas ao fato de que um dia irá morrer, e consigo levará todas suas vivências, sonhos e realizações. Portanto, há a consciência de que cada momento deve ser aproveitado, pois a vida não é infinita.

Quando retrocedemos no tempo e estudamos culturas e povos antigos, temos a impressão de que o homem sempre abominou a morte e, provavelmente, sempre a repelirá. Do ponto de vista psiquiátrico, isto é bastante compreensível e talvez se explique melhor pela noção básica de que, em nosso inconsciente, a morte nunca é possível quando se trata de nós mesmos. É inconcebível para o inconsciente imaginar um fim real para nossa vida na terra e se a vida tiver um fim, este será atribuído a uma intervenção maligna fora de nosso alcance (KÜBLER-ROSS, 1989, p. 14).

Em nossa sociedade, o desejo de acabar mais rapidamente com esta sombra maligna da morte exprime-se no fato de que os funerais são cada vez mais breves e a cremação tornou-se um recurso muito utilizado. São formas de eliminar os vestígios da morte e circunscrever os processos de luto em um tempo restrito. Cemitérios são destinados a espaços afastados do centro das cidades e se parecem cada vez mais com jardins. Isso porque os cemitérios trazem à lembrança aquilo que queremos negar: o doente, o feio, a tristeza e o fracasso humano, enfim, tudo o que nos remete à nossa própria morte (SILVA, 2007).

Yalom (2008) comenta que a angústia da morte, além de acompanhar a consciência da própria morte, tende a aumentar muito quando o indivíduo encontra-se em solidão. Isso faz com que as pessoas afastem-se daqueles que estão morrendo, com o princípio de tentar diminuir o compartilhamento desse sentimento.

A esse respeito, Silva (2007) acrescenta que a morte, atualmente passou a ocorrer nos ambientes hospitalares, longe da presença dos familiares, sob a égide dos médicos e enfermeiros. A morte institucionalizou-se e os médicos tornaram-se os grandes combatentes desse “mal”, tendo a incumbência de decidir quando esta não é mais uma opção, carregando sentimentos de impotência e fracasso diante de uma derrota para o inimigo implacável.

Movimentos de humanização que tentam resgatar o lugar da morte e do morrer começam a surgir no século XXI, juntamente com a bioética, que permeia as discussões científicas, humanas e religiosas, sobre aspectos como cuidados paliativos, rehumanização do morrer, prolongamento da vida, morte com dignidade, eutanásia, ortotanásia e suicídio assistido (SILVA, 2007).

Giacoia Júnior (2014) reafirma esta colocação da questão da morte enquanto mal a ser evitado até que se extingam os recursos disponíveis. Isso gera implicações sociais e percepções sobre o morrer divergentes daquelas as quais estamos culturalmente habituados. A esse respeito, alega que

Os notáveis progressos das ciências biomédicas proporcionam atualmente para a bioética um fértil campo de indagações, para as quais estamos muito longe de poder oferecer respostas amplamente compartilhadas, como, por exemplo, a pergunta pelo sentido ético da exigência humanitária, ou da decisão clínica de *deixar morrer* (GIACOIA JÚNIOR, 2014, p.06, grifo do autor).

Temas polêmicos que permeiam as discussões científicas, médicas e religiosas ainda se fazem controversos. Porém, não é plausível esquivar-se destas questões. Todos estes aspectos devem ser discutidos, pois, calar perguntas relativas à morte é como tentar calar a própria condição humana. Neste sentido, Souza (2010, p. 05) solidifica este pensamento ao afirmar que:

Podemos chamar de um pensamento sem sucesso a construção de uma antropologia à margem de um elemento tão humano como a morte, porque nenhuma tentativa de realizá-la resolve a eminência e a realidade de que ela acontecerá na vida de cada pessoa humana. Todas as tentativas de eliminar a reflexão sobre a morte foram vãs, porque não se pode proibir o pensamento de fazer perguntas, por mais incômodas que sejam [...].

Portanto, a morte é algo que o homem ainda não assimilou como natural e da qual não é possível se esquivar, pois ninguém é imortal. É algo que choca e amedronta a todos, pois a morte é tida como um fim de tudo aquilo que se criou em vida.

4 A morte na perspectiva fenomenológico-existencial

A vida é percebida pelo homem através de seu significado. Quando se está vivo, busca-se dar um sentido a sua vida, a fim de se ter um propósito. Porém, ao

tomar consciência de que se está destinado a morrer, também surge a necessidade de atribuir um sentido à sua morte (POMPÉIA e SAPIENZA, 2013).

Pompéia e Sapienza (2013, p.73) citam que o homem “pode fazer da morte um gesto de apropriação”, pois assim, ele consegue unir sua história, sua vida e o sentido que atribui a sua vida e morte. Ao conseguir atribuir esse sentido, o homem passa a encarar esses fatos de forma mais natural. Porém, quando a morte é vivenciada por um indivíduo, que perde um ente, essa situação começa a tomar outras proporções, pois a morte envolve a perda, e esta está envolta em dor, o que acaba por assustar quem a vivencia (POMPÉIA e SAPIENZA, 2013).

Neste sentido, Yalon (2006) afirma que não se deve negligenciar o fato de que a morte do outro é um confronto violento e cáustico com a nossa própria morte. É uma experiência frente a frente com aquilo que amedronta e promove reflexões e angústias.

O que se sabe é que a morte estará sempre acompanhada de dor e de tristeza. E, por mais que o homem esteja preparado para a morte do outro ou para a sua própria morte, o perder, o deixar de existir, causa sofrimento (POMPÉIA e SAPIENZA, 2013). Diante dessas colocações, Tuy (2009, p.3) comenta que “A dor do existir consiste em ver a morte avassalar a existência do não-eu, percebendo que não consigo ensaiar o meu morrer, com a morte do outro, já que é uma das experiências únicas e intransferíveis”.

Tuy (2009), ao fazer um comparativo entre a ideia de morte para Sartre e Heidegger, que foram grandes estudiosos do tema, comenta que, a partir da perspectiva de Sartre (2007),

[...] a morte seria uma passagem para um absoluto não-humano, o morrer seria viver as possibilidades do não, saber que essa auto transcendência é a vida, vida em morte, seria o marco determinante para o fim da existência. Essa existência finita atribui ao homem o caráter de totalidade, de uma forma individualizada, só eu posso me completar, já que ninguém pode morrer por mim, só eu posso interromper meus projetos de vida, com a minha morte (TUY, 2009, p.3).

Desta forma, a morte é compreendida como aquilo que não serve como algo que agrega valor à vida, mas sim como um evento que arrebatou todo o seu

significado. Em sua obra *O ser e o nada* (2007, p. 670), Sartre afirma que “É um absurdo que tenhamos nascido, e é um absurdo que morramos”.

Heidegger contraria esta assertiva, indicando que a morte não pertence à vida, uma vez que se configura como a negação do projeto e do depois. É a vitória do outro sobre o ser, um fim completamente divergente à subjetividade do homem, não pertencendo a sua estrutura ontológica (SOUZA, 2010).

Ao apresentar as elaborações de Heidegger sobre a morte, Tuy (2009) complementa que, para ele, a morte pode ser experienciada através da morte do outro. Portanto, diferentemente das ideias de Sartre, o outro também contribui para a sua totalidade, tendo em vista que “[...] a cada morrer uma parte de mim se vai junto, pois uma consciência e uma subjetividade que me compreenda não existe mais” (TUY, 2009, p. 3).

Heidegger (2012) utiliza o termo *Dasein* na designação do ser do homem. O conceito de *Dasein* é uma resultante de dois elementos, uma palavra composta (Da-sein), sendo que “*da*” significa “aí” e “*sein*” significa “ser”. Portanto, Da-sein significa a existência e o ser-que-está-aí, ou ser-aí, ou ainda de acordo com muitas interpretações, presença. Desta forma, a análise do *Dasein* é análise da existência e do ser.

Segundo Heidegger (2012), o *Dasein* não necessita nada, porque o ser se mostra como projeto e antecipação de sua própria morte, o ser se realizaria apenas na condição de ter existido no mundo.

Segundo Oliveira (2012), existem três traços fundamentais, relacionados ao *Dasein*, são eles: *ser-no-mundo*, *ser-com-os-outros* e *ser-para-a-morte*. Ao referir-se ao *ser-com-os-outros*, Oliveira (2012) explica que não existe ser humano que seja isolado dos outros semelhantes, há sempre uma relação entre os mesmos. Já o *ser-no-mundo* se dá quando o homem significa a sua existência a partir de suas escolhas; isso é o que lhe permite existir, porém, a morte não é algo que pode ser escolhido, pois o homem não pode optar por não morrer. Portanto, quando se percebe a possibilidade da morte, inicia-se a compreensão do *ser-para-a-morte* (OLIVEIRA, 2012).

Em relação a este assunto, Oliveira (2012) salienta que a morte está interligada ao *Dasein*, pois ela não tem relação com o outro, nem tampouco com as coisas. É uma experiência individual, e enquanto possibilidade, “[...] marca a inexistência de outras possibilidades. Ela é o fim do *Dasein* que existia a partir das escolhas que fazia diante das suas possibilidades” (OLIVEIRA, 2012, p. 2).

O homem, ao ter consciência da possibilidade da morte, desenvolve o sentimento de angústia, o qual faz com que se pense sobre o não sentido da própria existência. Isso abre possibilidade para que a vida seja encarada de forma finita, que poderá acabar a qualquer momento. É a partir desta consciência de finitude que o *Dasein* encontra a sua forma autêntica de vida. É compreendendo a morte que o homem entende que encerrou o seu propósito de ser no mundo (OLIVEIRA, 2012).

Isso consolida o pensamento existencialista, pautando os estudos sobre a morte em pressupostos que fundamentam a inegável facticidade e subjetividade da morte. Ainda que divergentes apreciações tenham permeado estes meios, a questão sempre foi devidamente valorizada e discutida, integrando a existência humana de forma concreta.

Diante dessa concretude e subjetividade inerentes à morte, Sartre (2007, p. 652-653) afirma que

[...] a morte assim recuperada não permanece simplesmente humana, mas torna-se minha; ao interiorizar-se, ela se individualiza; já não é mais o grande incognoscível que limita o humano, mas o fenômeno de minha vida pessoal que faz desta vida uma vida única, ou seja, uma vida que não recomeça, uma vida na qual não podemos ter uma segunda chance. Com isso, torno-me responsável por minha morte, tanto quanto por minha vida.

Portanto, o pensamento existencialista, apresenta elementos particulares, que consideram a morte como uma problemática própria, inerente à condição humana e finita do homem, e distinta das tentativas de negação, que falsificam a realidade da finitude, adulterando, desta forma, a realidade da existência humana. Souza (2010, p. 21) corrobora com essa afirmativa, ao alegar que

Qualquer intento de interpretar o enigma da existência humana é realizado considerando a morte como um dado essencial; a morte pertence de algum modo à vida, não é um simples acidente fortuito que interrompe seu curso a partir de fora. Por isso, cada morte é sempre pessoal e intransferível, e vivida unicamente por cada pessoa.

Diante do exposto, pode-se considerar que, ao assumir sua finitude, a morte surge como um ato de encerramento de uma vida, que pode ser vivida em suas infinitas facetas, tendo o homem sempre a possibilidade de crescer, mudar, aprimorar, ou, dito de outra maneira, transcender o seu viver na busca daquilo que falta. Na morte, somos a totalidade que não pudemos ser em vida, pois nossa história se encerra no momento em que morremos. Dessa forma, é possível dizer quem fomos, enquanto um ser total, pois enquanto vivemos estamos abertos no âmbito das possibilidades. Somos seres em contínuo movimento, num ininterrupto vir-a-ser, até o momento fatídico da morte.

A vida e a morte estão unidas de maneira indissolúvel e pertencem uma à outra. Somente conscientes da mortalidade do ser é que poderemos ser capazes de aproveitar a vida efetivamente, sabendo que o tempo é irrecuperável. Somente pela finitude é que cada momento se torna especial e único. Único enquanto possibilidade de realização e libertação e de envolvimento adequado com aquilo que nos solicita (BOSS, 1981).

No momento em que o homem se dá conta de sua morte, de sua finitude, ele percebe o seu limite mais real, ele percebe que, um dia, tudo acaba. Ao mesmo tempo em que é uma constatação carregada de angústia, diante do desconhecido, também é oportunidade de muito crescimento, de envolvimento com o que se dá, com o que a vida oferece, e nesse sentido cada um pode fazer o melhor de si, simplesmente pela consciência de finitude.

Por fim, através das palavras de Consonni (2014, p.3), pode-se complementar que a morte é “[...] a última experiência, a que dará completude ao indivíduo. Ou seja, quando o indivíduo se torna consciente de sua morte, atribui sentido à sua vida, e ao morrer, completa a sua existência”.

5 Considerações finais

Realizar estudos sobre um tema tão inquietante e controverso, como a morte e suas facetas, é um desafio que movimenta muito mais do que a mera curiosidade literária e profissional. Mexe na acomodação inevitável que a cotidianidade da

existência impõe, afastando de nossas reflexões um dos medos mais profundos e inquestionáveis que permeiam a existência humana: a consciência da finitude.

É preciso que se pense a morte, seu processo, suas agruras. Somente encarando-a com lucidez é que o ser humano torna-se capaz de viver em plenitude sua existência. Parafraseando um grande estudioso sobre as questões da morte, aquiescemos com Yalom (2008, p. 211) quando diz que “[...] devemos confrontar a morte como fazemos com outros medos. Devemos contemplar nosso fim último, familiarizar-nos com ele, dissecá-lo e analisá-lo, raciocinar com ele e descartar aterrorizadoras distorções infantis sobre a morte”.

Este estudo trata tão somente de reminiscências sobre a morte, a partir de levantamentos teóricos dentro da proposta do trabalho. Há que se empreender muito além destas poucas linhas para, de fato, buscar sentidos para a existência e a morte, para o medo, para nossos desassossegos existenciais diante da consciência de nossa finitude.

Porém, o que se observa é cada vez mais uma tentativa de distanciamento da morte, uma luta insana para manter vidas a qualquer custo, um apressamento dos processos de luto, uma negligência aos aspectos mais sombrios do morrer e o isolamento e solidão impostas nos leitos dos hospitais. Ainda que os sentidos atribuídos por cada sujeito sejam subjetivos e únicos, o medo e a dor, geralmente, se fazem presentes.

Então, que as inquietações promovam movimentos. Que as angústias ganhem voz. E que a morte não seja tabu. É preciso olhar de frente, sem se deixar obscurecer pelo medo implícito que o assunto encerra. E compreender que o sentido da morte toma caminhos diferentes diante de cada sujeito, de cada história, de cada vivência particular.

REFERÊNCIAS

ANGERAMI-CAMON, Valdemar Augusto. **Psicoterapia existencial**: noções básicas. São Paulo: Traço, 1985.

_____. **Existencialismo e Psicoterapia**. São Paulo: Traço, 1984.

BOSS, Medard. **Angústia, culpa e libertação**: ensaios de psicanálise existencial. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1981.

CARMONA, Daniele Souza; SANTOS, Fernanda de Oliveira; FONSECA, Sara Lopes. Bioética, Eutanásia e Psicologia: tecendo algumas reflexões. **Mnemosine**, v. 7, n. 2, 2011. Disponível em <http://www.mnemosine.com.br/ojs/index.php/mnemosine/article>. Acesso em: 17 set. 2014.

CHIATTONE, Heloísa B. C. A Criança e a Morte. In: ANGERAMI-CAMON, Valdemar Augusto (org.). **E a Psicologia entrou no Hospital**. São Paulo: Cengage Learning, 2011, p.69-141.

CONSONNI, Hélia R. C. Ser-para-a-morte é Ser em vida. Disponível em: http://www.psicoexistencial.com.br/web/detalhes.asp?cod_menu=108&cod_tbl_texto=2198. Acesso em: 21 jul. 2014.

FORGHIERI, Yolanda Cintrão. **Psicologia Fenomenológica**: fundamentos, método e pesquisas. São Paulo: Cengage Learning, 2012.

FREITAS, Sylvia Mara Pires de. Psicologia no contexto do trabalho: um enfoque fenomenológico existencial. In: ANGERAMI-CAMON, Valdemar Augusto (org.). **As várias faces da psicologia fenomenológico-existencial**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005, p. 123-149.

GIACOIA JÚNIOR, Oswaldo G. A visão da morte ao longo do tempo. **Medicina**, Ribeirão Preto, v. 38, n. 1, p. 13-19, 2005. Disponível em: <http://revista.fmrp.usp.br/2005/vol38n1/1avisaomortelongotempo.pdf>. Acesso em: 21 jul. 2014.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. Tradução de Fausto Castilho. Campinas, SP; Rio de Janeiro, RJ: Editora da UNICAMP: Vozes, 2012.

KÜBLER-ROSS, Elisabeth. **Sobre a morte e o morrer**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

OLIVEIRA, Rafael G. de. **O sentido da morte na analítica existencial do Dasein de Heidegger**. Disponível em: <http://pensamentoextemporaneo.wordpress.com/2012/11/05/o-sentido-da-morte/>. Acesso em: 21 jul. 2014.

PENHA, João da. **O que é Existencialismo**. São Paulo: Brasiliense, 2014.

POMPÉIA, João Augusto; SAPIENZA, Bilê Tatit. **Na presença do sentido: uma aproximação fenomenológica a questões existenciais básicas**. 2.ed. São Paulo: EDUC; ABD, 2013.

PORTO, Gláucia; LUSTOSA, Maria Alice. Psicologia Hospitalar e cuidados paliativos. **Revista da SBPH**, v. 13, n. 1, p. 76-93, 2010.

SARTRE, Jean Paul. **O ser e o nada: Ensaio de ontologia fenomenológica**. 15 ed., tradução de Paulo Perdígão. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

SCHOPENHAUER, Arthur. **O mundo como vontade e representação**. Tradução: Correia M.F. Rio de Janeiro: Editora Contraponto, 1986.

SILVA, Cristiane Sotelo da. **Contribuições da Psicologia Existencial no enfrentamento das perdas e da morte**. Trabalho de conclusão do curso de Bacharelado em Psicologia- Universidade do Vale do Itajaí, Santa Catarina, 2007.

SOUZA, Alzirinha. O sentido da vida na própria vida. **Revista de Cultura Teológica**, v. 18, n. 69, 2010. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/culturateo/article/view/15424>. Acesso em: 12 set. 2014.

TUY, Aglaê Estrela. **Existencialismo e a morte**. Disponível em: <http://www.artigos.etc.br/Existencialismo-e-a-morte.html>. Acesso em: 21 de jul. 2014.

YALOM, Irvin. **Os desafios da terapia: reflexões para pacientes e terapeutas**. Tradução: Vera de Paula Assis. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

_____. **De frente para o sol: como superar o terror da morte**. Trad. Daniel Lembo Schiller. Rio de Janeiro: Agir, 2008.

Recebido em 26/04/2017

Versão corrigida recebida em 20/08/2017

Aceito em 14/09/2017

Publicado online em 30/09/2017